

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Talita Tibola

**redonda  
me(n)te  
amarela**

Porto Alegre  
2009



Talita Tibola

**redonda  
me(nte)  
amarela**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Tomaz Tadeu da Silva

Linha de Pesquisa: Filosofia da Diferença e Educação

Porto Alegre

2009

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA  
PUBLICAÇÃO (CIP)

---

T554r Tibola, Talita

*Redonda me(nte) amarela* [manuscrito] / Talita Tibola; orientador: Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre, 2009.

133 f.

Dissertação (mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2009, Porto Alegre, BR-RS.

I. Poesia. 2. Escritura. 3. Estilo. 4. Prazer do texto. 5. Deleuze, Gilles. 6. Barthes, Roland. I. Silva, Tomaz, Tadeu da. II. Título.

CDU 801.73:141.3

---

Bibliotecária Neliana Schirmer Antunes Menezes CRB  
10/939 neliana.menezes@ufrgs.br

Talita Tibola

**redonda  
me(n)te  
amarela**

Dissertação de mestrado  
apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação em Educação da  
Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, como requisito  
parcial para obtenção do título  
Mestre em Educação.

Aprovada em 09 mar. 2009.

---

Prof. Dr. Tomaz Tadeu da Silva Orientador

---

Prof. Dra. Sandra Mara Corazza UFRGS

---

Prof. Dr. Guilherme Carlos Correa UFSM

---

Prof. Dr. Roger Albernaz de Araújo UFPel

---



## agradecimentos

Ao Tomaz que tornou tudo isso possível com muita elegância.

À Sandra pela *disperata vitalità*.

À Paola pelas peles.

À Mayra, por me mostrar que qualquer mínimo pode ser um início.

À Raquel, por, desde o início, estar por perto nos mínimos detalhes.

Ao Gabriel pelas dicas, pelos procedimentos.

Ao Jamer, pelo verde-laranja-amarelo.

A todos os amigos do DIF (os que estão presentes, os que já passaram ou são agregados) pelo carinho, pelas conversas, trocas, risadas, encontros; e aos bares e cafés que disso são testemunhas.

Aos meus pais, pela confiança.

À Bá por me agüentar, por compartilhar.

À Fabi e Nicole por tornarem alguns fins de semana mais leves.

Ao pessoal de Santa Maria (do 30/31, da Duque e rede) porque é como eles que eu quero ser quando crescer. Em especial à Sara pela diagramação e paciência.

Ao Dani, por me fazer dormir, por me fazer acordar.

## resumo

Entre o estilo de Gilles Deleuze e o prazer do texto de Roland Barthes: o texto. Uma escuta das palavras e das coisas, a escritura em primeiro plano e tudo o que ela desestabiliza: o pensamento, o corpo, uma cor sem-lugar. Tirar as palavras de seu lugar, trabalhar com recortes de frases: um procedimento. O duplo, o monstro, o Corpo sem Órgãos, a morte, o esvaecimento, o sentido, o acontecimento. Uma obsessão, sutil talvez: o amarelo, o amarelo-acontecimento. Repetição: o amarelo insistência, persistência. Palavra, som, coisa, efeito. De poesia? O texto: fala do amarelo. Mas, antes, do que desaparece e se torna transparente. Do corpo imóvel, de sua dura queda e de seu esvaer-se. O que há depois do esquecimento? Talvez o amarelo. Um corpo desarrumado? De um corpo desfeito, o que resta é o intenso. Amarelo intenso. Amar-elo. Do amar, o elo. Da escrita, a marca. Redonda-me(nte)-amarela.

Palavras-chave: **estilo, prazer do texto, amarelo, escritura, poesia.**

---

TIBOLA, Talita. **Redonda Me(nte) Amarela.** Porto Alegre, 2009. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2009.



## resumé

Entre le style de Gilles Deleuze et le plaisir du texte de Roland Barthes: le texte. Une écoute de mots et de choses. L'écriture surtout et tout ce qu'elle dérange: la pensée, le corps, une couleur sans lieu. Déplacer les mots, découper les énoncés: un procédé. Le double, le monstre, le Corps sans Organe, la mort, la dissipation, le sens, l'événement. Une obsession, subtil peut-être: le jaune, le jaune-événement. Répétition: le jaune-insistance, persistance. Parole, son, chose, effet. De poésie? Le texte: il parle du jaune. Mais il parle plutôt de ce que disparaît et devient transparent. Du corps immobile, de sa pénible chute et de sa disparition. Qu'est-ce qu'il y a après l'oubli? Peut-être le jaune. Un corps bouleversé? D'un corps défait ce que reste c'est l'intensité. Le jaune intense. De l'écriture ce que reste c'est la marque.

Mots-clé: **style, le plaisir du texte, jaune, écriture, poésie.**



## sumário

<b>I   amarelo.....</b>	<b>19</b>
01. atenção, poros abertos e.....	21
02. sabe, as vezes temos que inventar pequenos destinos.....	22
03. não se procura o sentido.....	23
04. você sabia que.....	23
05. o amarelo assombra.....	24
06. amarelo : cor.....	24
07. apresentou-se.....	24
08. a poluição.....	26
09. entre.....	26
10. a areia e a gema de ovo.....	26
11. mais do que luz.....	27
12. <i>en famille on partait mais jamais...</i> .....	28
13. como.....	28
14. <i>cette femme-fantôme</i> .....	28
15. um pequeno destino.....	29

16. tento dar .....	29
17. ouvi dizer.....	30
18. será um acaso... ?.....	30
19. o amarelo, uma cor e uma palavra.....	30
20. a palavra .....	31
21. supercalifragilisticexpialidocious.....	32
22. o motivo musical.....	32
23. amarelo-haikai.....	33
24. é também .....	33
25. amarelo: qualidade das coisas amarelas.....	34
26. o motivo é amarelo ou amarelado.....	35
27. qualquer coisa.....	35

## **II | amores amarelos.....**37

01. sentia-se estranho à vida.....	39
02. perdeu seu corpo .....	40
03. um toque.....	42
04. era uma vez.....	43
05. ama-se .....	45
06. era tudo.....	46
07. em sala escura.....	47

08. inadmissível personagem.....	48
09. era como.....	49
10. acordou.....	50
11. ela falava falava falava.....	51
12. procurava.....	52
13. saiu.....	53
14. olhos abertos.....	55
15. tudo.....	56
16. de passagens.....	58
17. o horizonte.....	59
18. um dia chorou.....	60
19. havia.....	61
20. nos dias seguintes.....	62
21. suspensão.....	63
22. onde.....	64
23. era um grito.....	65
24. silêncio.....	66
25. aos poucos.....	67
26. queda.....	68
27. moramos, namoramos e morremos..	69
28. havia um vazio.....	70
29. todas as almas.....	72

30. entre j. e joana.....	74
31. e a menina .....	76
32. o vento.....	77
33. viviam vibrando.....	78
34. condição crepuscular.....	79
35. <i>fottuti attimi</i> .....	80
36. minhas veias.....	81
37. olhava os seus olhos parados.....	82
38. vocês ouvem ... ?.....	83
39. é que cada imagem.....	84
40. encontros.....	85
41. meu amor, meu querido amor.....	86
42. assim.....	88
43. e nas folhas secas.....	89
44. o vento inventando.....	90

### **III | redonta me(nte) amarela.....**91

01. não podemos confundir.....	93
02. em trinta dias.....	94
03. o amarelo, num dicionário velho.....	95
04. acorda.....	96
05. ser só é.....	97

06. a página que se esfarela.....	98
07. a vida rasga.....	99
08. sempre longe, hoje.....	100
09. as estrelas.....	101
10. olha só.....	102
11. o jaune.....	103
12. mas.....	104
13. sad, mas.....	105
14. oi.....	106
15. do nada que lhe resta.....	110
16. a morte.....	111
17. ele.....	112
18. vou dormir, querido.....	114
19. moro nas páginas.....	115
20. não pise na faixa amarela.....	116
21. quando quero mostrar.....	117
22. urgência.....	118
23. mas hoje.....	119
24. quando as marcas.....	120
25. porque aquilo dá o que escrever...	121
26. seu som.....	122
27. uma poça.....	123

28. amarela.....	24
29. a vida nasce do ovo.....	25
30. os fraquinhos da família.....	26
31. o café.....	27
32. a paz é branca.....	28
33. tudo tão amarelo.....	29
34. pedras rolaram.....	31

<b>referências.....</b>	<b>  33</b>
-------------------------	-------------

**I | amarelo**



atenção, poros abertos e só. para ir ou ficar ou criar. com o isso. concentração, contato e ritmo. nisso é onde estão as perguntas: o que faz sentir, o que envolve, o que faz sentido? o que se escolhe para. aqui, o amarelo, fabulação de fim ou início.

sabe, às vezes temos que inventar pequenos destinos para a nossa vida, pequenas coisas que deixam um dia mais colorido talvez. o jogo brasil x argentina nos faz pensar em chocolate-quente. o jogo é uma merda, mas o chocolate... era um pequeno destino. acordamos e pensamos no chocolate e no jogo. o dia foi interessante, nada de mais, mas fizemos o que era necessário ser feito, o pequeno destino nos ajuda a viver a vida. vidas mentais, às vezes cansa, mas nem sempre sabe-se fazer diversamente, às vezes vive só para receber uma carta que nunca chega, às vezes só para ir à aula e não estudar, escrever um pequeno bilhete para uma amiga de sorriso triste.

às vezes ir à universidade também é um pequeno destino, mas talvez o pequeno destino é novamente o chocolate-quente, aquele do bar da universidade, aquele que ainda não conseguiu fazer tão bom, aquele que fica em silêncio só para comê-lo ou bebê-lo ou sei lá como se diz, aquele que queima a língua. o chocolate-quente é novamente um pequeno destino, o chocolate ou o cigarro que fuma enquanto um amigo lhe presentearia com uma mini-caneta ou enquanto outro chora as pitangas.

as viagens são interessantes para pensar os pequenos destinos, também os grandes. uma viagem de seis horas pode deixar uma dor nas costas e mil pequenos destinos, como acabar a dissertação, dormir menos, mexer-se mais, ser

menos tongo, e escolher junto com um amigo músicas para cantar, tocar e escutar. mesmo que quando se encontrem não toquem, nem cantem nem escutem, mesmo que tudo seja para um pressuposto show inexistente. o show não existe, mas os dias... terão tido muito mais música.

. . .

(não se procura o sentido, mas a produção. espaço de respiração em campo sobre codificado. o que ele veio fazer aqui? por favor, deixem-no descobrir!)

. . .

você sabia que embarco dia 24 de maio para nova york só para filmar uma cor? não, não sabia. iria para nova york contigo se soubesse, ou ficaria aqui esperando tua cor. de que cor é a tua cor? já que não fui contigo fico aqui olhando o horizonte do meu quarto que nesses dias tem sido generoso comigo. na verdade ele sempre é generoso comigo, eu é que as vezes durmo acordado e não o vejo. o horizonte do meu quarto é colorido, mas em geral há uma faixa amarela que me queima. não, não sabia que embarcas para nova york só para filmar uma cor, posso ir contigo?

arthur omar,  
conversa em  
jairo ferreira  
cinema de  
invenção

. . .

o amarelo assombra, não responde. se é um porque, talvez não explique. acontece. início meio ou fim é, talvez, enquanto espaço: vago e enquanto tempo: todo.

. . .

amarelo: cor pigmento primária, cor-luz secundária. como cor-pigmento tem por complementar o violeta; como cor-luz tem por complementar o azul e é formada pela mistura do verde e do vermelho. tem um comprimento de onda de 580 nm aproximadamente e encontra-se entre as faixas laranja e verde do espectro de cores visíveis. é considerada a mais clara das cores, o mais expansivo entre os matizes, assim como o que mais atrai os olhos. amplo e ofuscante como uma corrida de metal incandescente, é a mais desconcertante das cores. na pintura muitas vezes é luz.

israel  
pedrosa  
da cor à  
cor  
inexistente

. . .

apresentou-se aqui em frente (aqui que é não sei onde, talvez em todos os lugares diante dos olhos ou sentidos pelo corpo) o que era de cores então amarelava. amarelava sem tornar-se decrépito. luz e energia das fotografias sépia

envelhecidas, o amarelo era também outro, também ouro, era ovo. claridade amarela, breve insistência. artistar talvez seja enxergar claridades, pois os dias, em olhos acostumados, podem ser todos iguais. mas e quando a claridade se repete? quando algo insiste? (mas o que se repete é por vezes bom? o tema, que é um bom objeto crítico, não é algo que se repete?) e os olhos, não por acostumados, vêem monocromo, como uma mania. quando o monocromo impera, a ele se acolhe, e procuram-se suas nuances. a repetição da mesma cor em vários dias pode chamar-se tédio. mas pode também ser o início de uma diferença ainda não anunciada. alguns acontecimentos podem precisar ser repetidos para existir. a claridade de alguns haicais pode ofuscar e imobilizar (grão de trigo amarelo, cai na calçada e tem seu fim), mas esse fim pode ser cair na terra e o “plim!” que faz, por mais silencioso que seja (faz tilt!) procria. dizer que as cores representam nossas emoções é um clichê (e dos chatos), mas e quando uma emoção é uma cor? e quando uma cor é acontecimento?

. . .

roland

barthes

roland

barthes por

roland

barthes

a poluição não combina com o amarelo do sol: a proliferação do cinza torna o amarelo cada dia mais perigoso. (se bem que, do amarelo, o que queima é o ultravioleta).

. . .

entre o amarelo pigmento há vários tipos de amarelos. isso dependerá também do tipo de pintura que será feita. tinta é um composto de aglutinante e de pigmentos. aglutinante é o elemento que exerce função de amalgamador dos pigmentos entre si e, ao mesmo tempo, liga-os ao suporte. pigmento é uma substância finamente dividida, insolúvel, nos aglutinantes, trazendo na forma da partícula diferentes tamanhos e feitios que lhe dão características foscas ou brilhantes, opacas ou transparentes, que fazem alterar fundamentalmente o aspecto da tinta. alguns pigmentos amarelos são: amarelo de cádmio, amarelo de cádmio litopone, amarelo de cromo, amarelo de nápoles, amarelo de ocre, amarelo ocre sintético ou amarelo de marte, amarelo orgânico.

. . .

areia e a gema de ovo, apesar de serem amarelos, são utilizados para produzir tintas de todas as cores!

. . .

mais do que luz ou pigmento, vida ou morte, o amarelo aqui é um pequeno destino, assim desses que se escolhe por acaso, ou que nos perseguem. roland barthes gostaria de ver sua vida reduzida a pequenos detalhes dispersos que, não estando presos a uma linha, poderiam viajar fora de qualquer destino. todo destino parece grande e oprime, parece distante e pesa, mas um pequeno destino não, é logo ali e existe não para ser alcançado, nasce para morrer amanhã e talvez, justamente por isso, persista. “pequeno destino” é expressão melhor do que “busca de sentido”, a busca de sentido é amiga do grande destino e tem mania de esquecer o caminho. a “busca de sentido”, nos dá a sensação da busca de algo já pronto, algo já existente, no entanto o sentido não é algo a ser descoberto, restaurado ou re-empregado, mas algo a produzir por meio de novas maquinações. a busca de sentido, como usada comumente, parece esquecer desse meio, dessas maquinações. já um pequeno destino deleita-se, como num jogo de passar anel: a proposta é passar o anel, mas a finalidade é tocarem-se as mãos.

**roland  
barthes**  
sade,  
fourier,  
loyola

**gilles  
deleuze**  
lógica do  
sentido

**roland  
barthes**  
o rumor da  
língua

. . .

jeanne  
cherhal  
la station

*en famille on parlait  
mais jamais il n'avouait  
que c'était la station  
la vraie destination,*

. . .

houaiss  
dicionário  
da língua  
portuguesa

como etimologia, a palavra amarelo vem de amarellus, do lat. amarus (amargo), pois aplicado à palidez dos que padeciam da icterícia. etimologia ligada à doença, à morte. os estudos da significação das cores, ao falar do amarelo detêm-se entre sua energia ligada à morte, à doença e sua energia vital, ligada ao sol, à juventude. perpétuo “ou ... ou”. no antigo egito, ligado ao disco solar de osíris, o amarelo era frequentemente encontrado ao lado do azul nas câmaras funerárias para assegurar a sobrevivência da alma. nesse caso: funerário grito de vida.

. . .

israel  
pedrosa  
da cor à  
cor  
inexistente

jeanne  
cherhal  
le tissu

*cette femme-fantôme, linceul e monochrome...*

. . .

um pequeno destino não é o fim da linha, mas o início (descobri que aqueles que só insistem pouco tempo em suas emoções sabem, bem melhor do que os outros, o que é uma emoção). é o que nos move e não o que nos faz remoer. talvez por isso ele fique próximo aos "pequenos motivos" ou motivo simplesmente. "motivo" porque é o que dá a temática do nosso dia e "motivo" porque é o que nos motiva. o motivo tem a favor dele um amigo potente que é o ritornelo e talvez seja isso o amarelo: nosso motivo. não um motivo como fim visado, mas como motor (o que movimenta), ou melhor: motivo musical, ritornelo: amarelo amarelo amarelo: a invenção de um ritornelo. um pequeno motivo é um pequeno destino que se cria, um pequeno destino é um pequeno ritornelo: sequência de notas reconhecíveis repetíveis em meio ao caos. como se sobre o abismo infinito não tivéssemos uma ponte, mas uma corda esticada poucos metros, corda de sutil equilíbrio.

. . .

tento dar a cada coisa por mais banal o estatuto de relíquia, e a cada idéia anotada uma segunda chance. estarei vivendo dentro de um filme seu?

. . .

**john cage**  
**em roland**  
**barthes a**  
preparação  
do  
romance

**jairo ferreira**  
cinema de  
invenção

ouvi dizer que os corantes para se produzir o amarelo são a tartrazina e o amarelo crepúsculo. a tartrazina é de coloração verde e o amarelo crepúsculo é de coloração vermelho tijolo ou alaranjado. são utilizados em produtos alimentícios e produtos cosméticos, talvez porque seja difícil acreditar que coisa sem cor embeleze e que coisa sem cor mate a sede ou seja boa de comer. há suspeitas de que a tartrazina cause alergia, (vejo o amarelo e fico sem ar!) já o amarelo crepúsculo também pode provocar reações anafilatóides, angioedema, choque anafilático, vasculite e púrpura. mesmo assim, eles continuam sendo usados: tudo pelo amarelo! a cor do tempo que passa, a cor da morte que chega, assassino em sua existência.

. . .

será um acaso que *le mayo jaune* é utilizado pelo vencedor da corrida no *tour de france*?

. . .

o amarelo - cor, coisa, palavra, momento - enquanto cor, uma possível qualidade das coisas, enquanto cor, uma intensidade, ovo ainda não eclodido: antes do sentido. enquanto palavra: palavra abrindo-se, querendo-se poesia, início de poesia. um início, na acepção

roland  
barthes  
o neutro

dada por barthes à essa palavra: esforço da  
diferença, nuance.

roland  
barthes  
o neutro

. . .

a palavra motivo tem origem latina, vem de  
motivus, 'relativo ao movimento, móvel', de  
motum (supn. de movére) 'mover', motivum,  
'motivo, razão'; a utilização no campo musical  
provavelmente penetrou no português pelo  
francês motif (1703) ou pelo italiano motivo  
(a1729). é formada pelo elemento de  
composição "mot" ( antepositivo, com as acp.  
de 'motor', 'motim' e 'motivo'). a palavra francesa  
"mot", que significa "palavra", porém, tem sua  
origem no latim "muttum" ( du latin muttum  
[=som], famille de mu, onomatopée exprimant un  
son imperceptible émis les lèvres à peine  
ouvertes), não é a mesma origem de motivo  
(nosso motivo não seria palavresco?), mas a  
mesma origem de "mote". e quem diria que mote  
e motivo não tem a mesma origem? prestando  
atenção ao significado das duas palavras  
podemos perceber que motivo tem sua origem  
mais ligada ao "movimento" e mote ao  
"grunhido", mas um motivo musical não deixa de  
ser um grunhido mínimo que movimenta,  
pequeno tema, pequeno grunhido? alguns  
poetas escrevem a partir de motes, frases  
retiradas do dia-a-dia, frases feitas por acaso,

houaiss  
dicionário  
da língua  
portuguesa

le nouveau  
petit robert  
de la langue  
française

**carlos  
drummond  
de andrade**  
no meio do  
caminho

**manoel de  
barros**  
livro sobre  
nada

erros que procriam. *havia uma pedra no meio do caminho; por pudor sou impuro podem ser motes para uma poesia, mas se não forem trabalhados serão apenas motes, ou apenas frases, ou nada. mas algumas vezes os motes são tão fortes que não podem ser desenvolvidos e viram poesia por si só. o haikai, talvez, seja um mote que já disse tudo.*

. . .

*supercalifragilisticexpialidocious*  
*jane: but it doesn't mean anything!*  
*mary poppins: it can mean precisely what you want*  
*it to!*

. . .

o motivo musical é a menor partícula da música, é de onde a música “parte” e a partir de onde ela é desenvolvida, ele é o mínimo da música, momento de concentração. sua ligação com a palavra, e com o mínimo de palavra, nos faz pensar num efeito de poesia. efeito de intensificação, momento que pode ou não ser desenvolvido. como se o motivo fosse a anotação, o haikai do qual nos fala barthes, e a música fosse a obra, o romance. o haikai: potência do mínimo: momento sem predomínio de explicação ou interpretação, forma breve de

anotação que desafia nossa lógica, nossa subjetividade e nossa moral. mini-enredo que funciona sem moral da história e sem personagens psicologizados, apenas por individuações. a individuação de um momento dada pela anotação do presente, este que é o único tempo que importa, já que é nele que sentimos e que vivemos. suspensão do juízo a partir da criação de uma individuação que não requer comentários; o haikai é a distância da arrogância do querer-dizer, da arrogância da explicação que mata a multiplicidade, formata os olhos para que vejam todos a mesma coisa.

. . .

amarelo-haikai: uma cintilação, *claridade breve, insistência breve: uma qualidade da emoção. emoção (ou melhor: perturbação): mais na motilidade das expressões do que no peso imóvel do patético. claridade-amarela.*

**roland  
barthes** a  
preparação  
do  
romance

. . .

é também para fugir da arrogância que se desiste de pedir por um sentido, um sentido ligado a um enunciado, um sentido já pronto e por isso opressor, emissão de discursos fora do fazer, isolados de toda a produção. falar em “motivo” talvez nos tire dessa enrascada e nos

**roland  
barthes** o  
rumor da  
língua

**roland barthes** o rumor da língua  
permita, a partir de objetos pela metade, fragmentos de saber, sonhos de método, pedaços de frases, desprender o saber aliviando-o de seu peso de enunciador. pela enunciação como produção fazer um objeto qualquer, uma qualidade, uma palavra, variar.

. . .

**hilda hilst** do desejo  
**roland barthes** a preparação do romance  
**roland barthes** o neutro  
**roland barthes** o neutro  
amarelo: qualidade das coisas amarelas - tinta: lavo-te os antebraços, vida, lavo-me no estreito-pouco do meu corpo - também força-tinta, intensidade, nuance. um motivo se faz pela repetição, repetição com variação. monotom, monotipo, monocromo, mas não necessariamente monótono. o amarelo: fazer do pensamento a animação de uma aventura. motivo início e motivo inútil, início como esforço da diferença e, no rastro da delicadeza, análise de coisas inúteis através dessa outra forma de inteligibilidade das coisas que é a inteligibilidade da arte: a forma, criação de formas que nos dão coragem de assumir nosso desejo. esforço da arte pela sutileza, para que as coisas diferentes não sejam tomadas como iguais. intuição viva de que descer para o infinitamente fútil permita confessar a sensação da vida (...) a delicadeza pende, portanto, para o vivo, o que faz sentir a vida, o que ativa sua percepção: o sabor da vida puríssima, o prazer de estar vivo.

. . .

o motivo é amarelo ou amarelado como um antigo livro de poesias. o motivo varia através da poesia no rastro da poesia, ou de um efeito de poesia. o que se quer sugar é seu entorno, o que a torna sedutora. não para tornarmo-nos todos poetas, mas para que a poesia, da vida, não morra.

. . .

*qualquer coisa, qualquer coisa que não fique ileso.  
qualquer coisa, qualquer coisa que não fixe.*

**arnaldo  
antunes**  
qualquer

. . .



## II | amores amarelos



sentia-se estranho à vida.

não sabia bem no que estava entrando.

estranho à vida

como

as folhas

caídas

do outono...

perdeu seu corpo e ganhou um medo. deixou de ser soberana. ganhou um irmão?

quando viu a parede com seus quadrados brancos e cinzas, não pensou. lembrou deles somente depois, quando sua cabeça já estava no lugar e os olhos já enxergavam os seios e não mais as costas. ver as próprias costas e a parede atrás de si era algo estremecedor. nunca mais confiou em seu corpo depois disso. estavam descompassados, ora ele a seguia, ora ela corria para alcançá-lo, pois, na verdade, o pior de tudo era quando ele a esquecia, quando fugia dela! ela sentia que morria, ou pior, via o vazio! e tudo eram manchas coloridas e sem nome. ah, o conforto do nome e da seqüência das cenas. nessas horas de terror tudo o que queria era uma mãe e um pai no lugar certo com nomes e cabelos nas cabeças pois, por enquanto, tivera somente pai e mãe com cabelos. pagaria para fugir daqueles buracos e não ter mais a sensação de não saber nomes (se encontrasse sedenta um copo d'água não saberia o que fazer com ele). para isso tinha uma medida: um pedaço de mundo que colocava para dentro de si três vezes ao dia. mas não era muito comportada. gostava de brincar com o limite que a apavorava, então fingia que esquecia ou esquecia realmente de formar-se em fragmentos e quando estava quase sem contornos, sentava

meu inimigo  
debruçado  
sobre o  
balcão  
na cama  
em cima do  
armário  
no chão por  
toda parte  
agachado  
olhos fixos  
em mim  
meu irmão

arnaldo  
antunes  
hotel  
fraternité

no sofá e procurava agarrar um pensamento qualquer para ver se conseguia dominá-lo. não conseguir dominar um pensamento era um limite. o limite do vazio. um passo e estaria perdida. um olhar para o teto e estaria perdida. sem promessa de volta. (havia sempre voltado, mas não era uma garantia). ah, o olhar, perder o próprio olhar não era uma coisa fácil, mas o maior medo era não ter mais o olhar dos outros, perder-se frente a eles. (era mais fácil segurar uma linha quando alguém a olhava). no entanto, se, mesmo com a força reconfortante de alguém que a olhava, perdia-se, quando voltava havia sempre uma dúvida: “em qual monstro transformou-se diante desses olhos?” essa era uma pergunta que no vazio não fazia sentido, mas naqueles pensamentos em linha reta que surgem alguns espaços depois do abismo, sim. então percebia olhares curiosos e assustados quando retornava e podia ver assim o monstro que era através deles.

é isso que não a deixa dormir sozinha, dorme ela e o monstro que viu naqueles olhos. ganhou um irmão?

um toque  
senta um corpo no chão  
avesso  
mãos  
bananeira.  
um corpo  
muda de lado  
inversa  
aberta  
a pele  
sente ao contrário  
um toque  
chora.  
agora  
será julgado?

esse avesso

será

seu

verdadeiro

lugar

um toque

avesso

um corpo

de lado

**antonin**

**artaud**

**apud daniel**

**lins**

**antonin**

**artaud: o**

*artesanão do*

*corpo sem*

*órgãos*

era uma vez uma menina, era igual a todas as meninas. ela colocava os sapatos nos pés e o chapéu na cabeça. era tão bonita! ela tão reta! é, reta. assim como se deve ser, apenas com algumas curvas, algumas no lugar certo, mas no geral era reta. ereta. e isso a deixava tão distante do chão! é, chão, esse lugar para os mais baixos, essa palavra que deveria rimar com desprezo. era vertical. em momentos escuros e distantes era também horizontal. mas era difícil chamá-la de oblíqua, impossível. para a sua felicidade. é, felicidade, isso que ela definia como “aquilo que estica os cantos da boca”. sim, para o alongamento dos cantos de sua boca, ela era vertical, como era adequado ser. como era adequado aos da sua raça, esses que tomam água segurando um copo e levando-o até a boca. claro, ela era também adequada e educada. e honrava tudo isso! honrava principalmente sua verticalidade. é, verticalidade, o que lhe permitia ver o lugar privilegiado de seu pensamento quando se olhava no espelho: o pensamento lá no alto, só não mais alto do que o chapéu, mas com certeza muito distante dos sapatos. isso até estremecer ao ver seus pés enrolados no pescoço! o pescoço, a sustentação por excelência de toda a sua excelência! uma curva a mais, uma curva no lugar errado, a diminuição da distância com a terra. estas eram coisas

**maurice  
blanchot**  
pena de  
morte

inadmissíveis. nada poderia abalar a sua retidão!  
e, no entanto, houve aquele episódio, para ela o  
irremediável *tinha* acontecido, aquele horrível  
episódio que ela tentara esquecer, o episódio  
de tortura, tortura para os olhos: ver-se junto  
ao chão!

ama-se o mistério  
é sempre isso o que se ama  
ama-se o inapreensível e o que pulsa e não se  
explica  
ama-se o animal. o invisível. invisibilidade de carnes  
(manuseio de abstrações  
carnificina)  
que se põem a dançar.  
ama-se ao fim da tarde  
o findar do dia  
sol da noite que está por vir  
sombra de um dia esgotado  
ama-se o vermelho no horizonte aquático  
e o roxo de morte no horizonte de cimento.  
banho de cor em águas e ares cristalinos.  
ama-se o ar  
e sua mais distante percepção  
num céu azul.  
ama-se o fosco de montanhas longínquas.  
ama-se o míope  
ama-se a terra logo ali  
embebeda-se dela.  
mas ama-se, sobretudo,  
a terra do nunca  
a falta de tempo  
a perda da bússola.  
ama-se e teme-se  
teme-se o amor  
ama-se o temor  
tremor daquilo que não está.

**atonin**  
**artaud**  
**van gogh**, o  
suicidado  
da  
sociedade

**maurice**  
**blanchot**  
pena de  
morte  
talvez com  
medo de  
um furioso,  
amarelo  
monstro-  
leão de  
juba  
dourada?

**friedrich**  
**nietzsche**  
ditirambos  
de dioniso

era tudo sempre tão calmo e aquilo tão distante, filha de papai-mamãe, boa na escola, educada na igreja, educada na escola, boa na igreja. as lembranças de algo diferente eram apenas historinhas contadas: aconteceu isso, você fez aquilo, tudo acontecia no silêncio da noite, horário em que os monstros costumam aparecer. tudo mudou à luz do sol, mudou quando ele começava a insinuar-se também à luz do dia. agora, dia ou noite, por vezes encontrava-se no fundo de certos estados de pesadelo autênticos e despertos, e a beleza, a justeza não sabia mais o que era, não sabia mais encontrá-las. perdia-se no silêncio das noites e na claridade do dia. claridade que castigava, que tragava os pensamentos. por vezes, em plena atividade parava. fixava-se em algo que não sabia precisar. a falta de movimentos, a falta de movimentos sempre precede a morte. não, não sei do que ela tinha medo: não de morrer, mas de algo mais grave. estava sendo engolida para não sei onde, mas tentava lutar e lutava já sem saber contra o quê. algo fizera dela uma criança e assim ela agia: comandando o mundo pela energia de uma vontade desesperada.

em sala escura procura-se um pouco de  
iluminação. claro-escuro. nada mais claro que o  
negro. no doubt. o confuso nasce com a luz, com  
a sombra. procurava ver suas transformações ao  
longo de um dia. acorda-se redonda, borrada.  
branco. assume-se cores pouco a pouco. ao  
meio-dia já está em plena ruborização (à meia-  
noite explodindo!). carnes verduras contornam-  
na por dentro. à tarde, vasta certeza que se  
nebuliza ao entardecer. pouco a pouco se  
definha. e quando se insiste em deixar os olhos  
abertos no sono da noite. pode-se espiar a  
chegada de nossa visita anunciada. sua louca! à  
noite ama a todos e vende seu corpo. à noite  
cicatrizes. *pedra mórula ferida*. à noite olhos  
roxos (róseos) te perscrutam e tu dormes com  
eles.

os olhos.

os outros.

quando se confunde

o

dia dia

com a

noite noite.

transformação.

movimento.

o imperceptível andar das carroças no escuro  
espalhado pelo chão do quarto. o dia não  
resiste a essas sobras e não sabe lidar com elas.  
desconhece-as e nisso murcha.

**hilda hilst**  
do desejo

dois  
ponteiros  
parados a  
rir  
**os mutantes**  
o relógio

inadmissível personagem esse que aparece sempre que estou sozinha! se ganhasse um relógio pelo menos, estaria presa a ele, controlada por ele e não solta assim, presa na sua liberdade de movimentos inúteis. precisava de uma prisão, uma rigorosidade, uma concentração para poder libertar-se desse corpo automatizado em sentimentos fúteis. precisava viver outros prazeres, outro corpo e alma e coisa e tal, um desejo que matasse, um desejo de rigorosidade que engolisse, um desejo, um desejo que prendesse e que depois libertasse.

era como se ele fechasse meus (seus?) olhos para que eu não fosse testemunha do que era capaz de fazer.

no dia em que se comportou mal e vi a parede pelo meu corpo contorcido, algo aconteceu.

pude sentir o que ele procurava esconder.

o que ele não permitia que eu visse.

o que ele poupava-me de sentir.

acordou, estava ali. por quanto tempo seu corpo lhe abandonara? para onde fora naqueles instantes? ar! é tudo uma questão de ar. um momento sem respirar e já é outra. acorda solteira de si e cansada.

ela falava falava falava e eu não conseguia distinguir o sentido (calma, respire fundo). palavras palavras palavras, eu sabia que ela precisava de um conselho, mas ele se negava a responder. aja! fale! nada... (calma, respire fundo). ela falava, gesticulava, me olhava; eu ali, com cara de compreensão imagino, mas precisava fazer mais, era alguém precisando de ajuda, isso eu compreendia, só não entendia qual ajuda precisava e não conseguia pronunciar palavra, não conseguia realizar nada (calma, respire fundo). falava falava falava. quando parou, fiz: “ahã”, era o suficiente para que continuasse falando e não percebesse meu estado (calma, respire fundo). quando parou definitivamente, pronunciei não lembro quais palavras mais ou menos encadeadas, encadeadas o suficiente para convencê-la de minha lucidez e para que eu recobrasse meu estado normal (calma, respire fundo). eu tinha voltado. já podia entender suas palavras e saber de quais ela precisava, no entanto, era tarde demais.

procurava olhar, afastando-se. seria possível pará-lo? nem mesmo arrancando-lhe a pele. qualquer contato movimentava-o. às vezes, um movimento quase imperceptível, um simples gesto. bastava um simples contato com algo banal, transparente, impalpável como o ar.

saiu de casa (saiu de casa correndo) naquela manhã e o ar estava fresco e seco (não agüentava mais). cheiro de poluição misturado ao ar frio que a fazia dar alguns espirros. entrou na padaria (precisava fugir e aquela música) e a luz fluorescente (aquela música não parava de ressoar) a incomodava um pouco, mas ali dentro sentia-se bem com o calor dos pãezinhos que aqueciam o local (e atordoar). tomou um café com leite, na hora de pagar comprou também algumas balas de alcaçuz e saiu (os ouvidos) um pouco estabanada, pois vira que perdera a hora lendo o livro que até ontem à noite pensava (ter) perdido. colocou os pés para fora da padaria (silêncio) e automaticamente dirigiu-se até o ponto de ônibus mais próximo. logo que chegou ali (caminha lentamente) o ônibus passou e ela subiu. só depois de entregar as moedas para o cobrador (pára), ao procurar um lugar para sentar, percebeu que nunca fizera aquilo (mais uma vez). a parada mais próxima de sua casa e da padaria era algo que nunca estivera em seu roteiro (la la la) e era milimetricamente evitada: a proximidade com as pessoas, a pressa, o empurra-empurra, dar o dinheiro, esperar o troco, segurar-se para não cair (correndo até o meio da praça), procurar um lugar, tudo isso com o balançar do ônibus (e dançou com os braços erguidos em círculos e pés descalços com vocês). não, definitivamente ela não fora feita

para “pegar o bonde andando”, os metros que caminhava a mais para chegar até o terminal valiam à pena. e, no entanto, tudo isso havia passado e ela nem tinha percebido. dia estranho! além do ônibus, havia o atraso por ler um livro durante o café e as balas que comprara do sabor errado. menos mal que o dia ainda não acabou e posso ainda salvá-lo (de pés descalços com vocês) pegando o ônibus no terminal no fim do dia.

olhos abertos  
o corpo e a cena

em movimento

isso é o terror  
pesadelo acordado.

se quando eu sumia  
eu gritava por cores,

nessas horas

eu gritava pelo escuro.  
eu precisava do escuro

para pelo menos não ver  
que a beira do abismo não existia

simplesmente

porque vivíamos nele

tudo aquilo a deixava perplexa: “ora, meu corpo quer andar sozinho! se sou eu quem fala, eu quem manda!”. nunca havia sentido a necessidade de pensar nele, ora ele, ele era ela, também, ele era o seu eu, ou parte dele! parte submissa. um meio de transporte. locomoção, coordenação, alimentação. todas essas coisas reais que estavam em segundo plano. um esqueleto, uma sustentação para uma alma! e agora ele vinha com essa de querer andar mais rápido ou de parar repentinamente. que vontade própria era essa que ele se permitia? ou melhor, que vontade era essa simplesmente? desde quando era ele, e não ela, que tinha vontades? o que era vontade para ele? via-se nesses pensamentos e ficava ainda mais irritada por perder tempo com ele. precisava solucionar esse mistério, livrar-se dele de uma vez por todas. antes que o monstro se impusesse outra vez. a cama já estava ficando pequena e ela agora dormia de olhos abertos. não podia ser passada para trás. estava perdendo, sentia isso. já não eram poucas as vezes que se via chorando sem saber por quê, como que por zombaria da parte dele! para não ficar para trás procurava logo uma situação, algo que justificasse aquele choro e, de tanto falar, explicar, raciocinar e repetir a mesma história acabava encontrando uma coerência. afinal, ela chorava pela tristeza que certas lembranças

causavam nela. nela! isso passava por ela.  
precisava provar que era ela que se entristecia e  
que a ele só restava obedecer.

de passagens  
perdas e prantos  
vai-se em frente

melancolia de silêncio inquebrável, vontade escondendo-se, pensamento descontrolado, rosto impassível, mas calma inexistente, mais uma vez e sempre. toda a vez parecia a última e a mais forte, a que resistiria e mudaria os planos, porém, os planos estavam sempre lá, intactos, cada vez era uma vez tão separada de tudo e do mundo desenhado que parecia não fazer cócegas nele. nesses momentos acreditava em interior e exterior e a imagem que tinha de si era de um vaso feito de arames que o cortavam calmamente por dentro. por fora impassível, sorridente, silenciosa. não havia solução, o desenho não podia ser borrado, era a sua vida! não podia ser borrado? bem, sim, sua vida, morreria sem essas precisões, era o que dizia. ai, essa vontade de gritar corroía e o fim da tarde era sempre o pior momento.

o horizonte marcado por um rastro vermelho, o sol já desaparecendo, mas ainda enviando claridade, postes à sombra se acendem, outros demoram a fazê-lo, caminha para casa, a rua em gritos inumanos, estrondos, um bloco de silêncio ao seu redor, postos à sombra, gritos e rasgos sem sentido. na cabeça o vazio de uma mente cheia de utilidades e afazeres, o bloqueio pela junção de pensamentos sem escalonamento de importância. a voz do chefe já sem características. agora luzes, muitas luzes dos carros, o barulho de freio do ônibus, nostálgico, degraus sujos, cheiros de rua, cabelos da moça à sua frente em sua boca, asco, embarcou, pagou, girou a roleta, perfume barato, calor insuportável, a busca do corpo por um lugar para sentar. não há. foi então que percebeu. aconteceu novamente!

chora num  
bonde  
amarelo  
chora à  
bordo de  
um eletra  
depois seca  
e joga as  
cinzas no ar  
no rio de  
prata que  
se afasta

**cadão**  
**volpato**  
até  
amanhã

um dia chorou  
e distraída que estava  
esqueceu de correr atrás de um porquê  
chorou

havia perdido?  
era uma luta?  
de quem precisava ganhar?  
quem era ele?  
por que a incomodava?  
incomodava?  
por que precisava comandar?  
alguém comandava?  
incomandava  
dos dois  
qual?  
dois  
dois  
um  
seriam um?  
para onde iriam juntos?  
(isso interessava?)  
quem eram juntos?  
(isso interessava?)  
como funcionavam juntos?  
(Isso)

nos dias seguintes  
ela bebeu:  
café preto capuccino mocca expresso grande  
pequeno médio com açúcar sem açúcar,  
somente aleatoriamente conseguia beber o café  
preto com adoçante ao qual estava acostumada.  
comprou:  
bala de morango banana anis menta canela melão  
chocolate caramelo,  
somente aleatoriamente conseguiu comprar as  
balas de café que queria.  
ela leu:  
livros de ensaio poesia filosofia policial romance  
ciência arte,  
somente aleatoriamente conseguiu ler o jornal  
de todo santo dia.  
ela também  
chegou na hora certa atrasou-se correu perdeu  
o ônibus,  
mas algo tornara-se uma certeza:  
ela sempre pegava o bonde andando.

suspensão do ser monstro:

o ser monstro vive um filme de suspense sem fim.

frui

onde estou nisso tudo? medidas de força e noção de espaço não existem mais. poderia controlar estas viagens, estas passagens? poderia chamá-las, provocá-las?

queria saber como tornar-se um monstro. o teto não bastava, talvez o silêncio. (para um animal que se acredita tão superior por falar, o silêncio pode ser uma agressão).

certamente, olhar distraidamente para o teto não é suficiente. é preciso estar distraído de si. é preciso aquele descompasso. descobri-lo. descobrir como se abandona um corpo, e como se cria outro.

ficar em silêncio por longos dias, olhar para uma parede branca, esquecer os relógios, dobrar-se.

era um grito. grito de um mudo. tensão de cordas vocais que não respondem. grito de um abandonado. atenção! voltam-se para ele. há algo ali. grito que não se deixava esquecer. grito contorcionista de um corpo até agora esquecido. grito de um corpo que pensa não só com a cabeça. um corpo um corpo grita! grita. grita...

silêncio na  
noite escura  
corpo acordado

rúidos  
de silêncio  
eu rumorosa

silencio na  
noite clara  
eu escura

rúidos de  
silêncio  
corpo calado

aos poucos aquele medo foi desaparecendo e ficava intrigada pensando: “onde tudo isso vai dar”? perguntava-se se havia realmente um lugar onde cair, ao mesmo tempo, não poderia ser indiferente, mesmo que fosse um nada, nada mais transformador.

*...leis  
conceitos  
crenças  
os montes  
graníticos  
das capitais  
e a ruividão  
imóvel do  
mesmo sol  
tudo se  
tornou um  
tanto fluido  
um tanto  
rastejante  
um tanto  
diluído*

**vladimir  
maiakovski  
citado por  
roman  
jakobson em  
a geração  
que  
esbanjou  
seus poetas**

cuerpo con  
cuerpo: las  
pieles  
se  
aproximan y  
se alejan  
entre  
espejos que  
reflejan  
su deseo.  
no debeles  
la imagen -  
esos laureles  
fenecen- no  
te aconsejo  
confiar en  
ese reflejo,  
porque ese  
doble  
perverso  
te revelará  
el reverso:  
hueso con  
hueso,  
pellejo.

**severo**  
**sarduy**  
big bang

queda  
neblinanoite

queda  
noite escura lobisomem sem lua

queda  
massa e músculos

queda  
ossos

moramos  
namoramos e morremos  
de amor ou de novela das oito  
eu ele e ela

quando abri os olhos e tudo era tão diferente,  
mas igual. quando, por abrir os olhos, poderia  
dizer: “voltei!”, nesse momento senti que era  
sem volta. abri os olhos, mas não consegui  
arrancar as imagens de dentro deles, e as  
imagens éramos eu e ele, euele, ele, ela, elela,  
ele lá, lá, e tudo aquilo. queda músculos ossos.  
pressão. eu era pressão de tudo aquilo.  
engolindo-o. agora só pele. e esse estado de  
abrir os olhos e ver pelos ouvidos talvez não me  
abandone mais. por ora.

havia um vazio entre lá e aqui, entre o ontem e o hoje, misturava-se ainda um pouco, sobravam restos de tinta manchando seus pensamentos de hoje, restos de ontem. mas entre o ante o ontem não havia nada. ontem era um vazio, um tempo lento, uma quase morte. nascimento vida morte. hoje ainda não morrera. passeios pela cidade, conversas em um bar, pensamentos, presentes, presenças, tudo interligado e anteontem e hoje não entravam,era só ontem, vazio vazio no vazio, ah! como queria pular... (vaia) não deixou, não quis, expulsou-a (vazia) daquilo que era seu ontem e fixou assim, como ontem. para ela aquilo seria eterno, imóvel amor que lhe acompanharia marcando um pouco de seus amanhã. impediu-a de pular, se a tivesse deixado pularia naquele que agora era seu ontem e faria dele seu hoje, seu amanhã, ela pulou, ele não quis, expulsou-a e decretou que aquilo era um ontem. para ela isso era agora só sorriso pranto lembrança (entre passagens perdas e prantos vai-se em frente), ele passagem, ela pranto, no anteontem agora hoje, mas presa em sua mente no ontem, no vazio do ontem, no desejo do ontem, do que houve e do que gostaria que fosse. jogou-se, mas espatifou-se, ele disse que era para não fazê-lo, ela fez, quebrada, expulsa do ontem semi-vive o hoje, pensando no ontem que queria que fosse o hoje e o amanhã. não sai do lugar, não consegue

imaginar um futuro que não seja em direção ao ontem. presa no hoje vive apenas dos riscos que lhe restam.

todas as almas do mundo, um pôr do sol, um sapo no pântano, um passarinho preso numa linha, uma mosca sem asas, uma formiga. borra de café, poeira no chão de um quarto, cristais no centro da terra, geleiras. uma clara luz que ilumina lençóis brancos, pernas que se encontram, um sorriso recebido no escuro, pessoas que dançam num terreiro, farelos de pão na mesa, um mendigo faminto jogado no chão, olhos fixos em uma faca, passeios ao lado do rio num dia de sol, malabares, um palhaço que pinta a cara enquanto chora uma poesia em papel pardo perdido, os cabelos do marido falecido em suas roupas ainda no armário, a vista da estrada que desaparece sob as lágrimas, o sorvete derretido e a mão melecada. todas as almas do mundo, algumas com desenhos humanos, entre j. e joana, uma vida cheia de morte e uma morte em busca da vida.

uma idéia enferma, uma idéia que se insinua enfraquecida, entre quartos estranhos, novos rostos e tosses, uma idéia de tremores, calafrios em 23°C, aquecimento estúpido, de cuidados dos outros, uma idéia balão de ar, uma idéia, um medo, uma pena, uma morte. o terror da noite, frio penetrante de mãos suspensas, mãos brancas, respiração, pulso sem respiração.

uma idéia pecadora, uma idéia que se insinua  
crua, entre quartos estranhos, novos rostos e  
tosses, uma idéia de enjôos, babas, salivas,  
sufocamento explícito, de serviços para os  
outros e descuidos para si, uma idéia de chão  
sujo, calor, peso que se insinua em quartos  
estranhos e escuros de mãos quentes, uma  
pena, uma morte. o terror da noite, uma  
vontade, a única, uma morte.

entre j. e joana  
sem leito (de morte) e sem praça  
agora  
vivia esqueirando-se pelas ruas  
procurando aquele que lhe  
amaldiçoara.  
quando se é só corpo  
as pernas mandam  
e correm procurando  
aquele que acreditam porto.  
mas tudo que não procurava  
era o firme  
perdera o gosto pela fala fixa  
o amor pronto

abandonastes a praça  
fugistes de um leito de morte  
e agora andas  
sem mais parar  
fugindo daquele que chamaram destino

o que pensas encontrar com esse olhar  
absorto?  
andas pelas ruas à procura de um  
e não vês os milhares.  
todas as gotas de vida  
que em ti respingam  
que caem  
do suor dos bêbados  
das fontes dos parques  
são nada diante de olhos hipnotizados.

aonde pensas chegar?  
na esquina em que, encontrando-o, não te  
verá?  
na rua em que, novamente te abandonará?  
para onde andas? para o fim da rua  
deitar também com as baratas?

andar de perna morta  
agora caminha pela cidade  
como quem procura um posto  
um poste.  
roda  
até cambalear em seu próprio pensamento.  
perdida na cidade  
o rosto amargo  
o corpo perdido  
a falsa força desfeita

quando foi que te vi pela última vez?  
estavas séria e preocupada  
algo te apertava o peito  
no rosto um transtorno  
um não saber o que fazer  
por não ter o que fazer  
(é impossível, mas se quer)  
quando foi que te vi pela última vez?  
o dia em que passeei no porto  
vi teu vulto  
mas não sei  
eras tu aquela  
pronta para pular no mar?

e a menina extraviou-se no meio do caminho,  
desfez-se entre o que via, o que sentia e  
imaginava, perdeu-se entre flores de um jardim  
inventado, canteiro de obras, não se despede,  
pois já se perdeu. morreu na curva em que os  
ares mudam de vento, no ponto em que os olhos  
mudam de lente, na marca que anuncia um  
horizonte: aqui.

perder-se  
uma saída  
para o medo de  
perder-se

o vento do sul estava na boca de todos. talvez por sua estranha deglutição e aquele difícil respirar que deixava as narinas mais lentas que os ares. dificuldade de respirar, balanço das folhas, voar de sacolas. naquele buraco onde não se via o horizonte, esse era sempre o prenúncio do fim do mundo, que não vinha. continuávamos a morar sobre ele, e quando fomos embora, ao menor resquício de vento (que nunca era tão assustador como aquele) ficávamos paralisados, absortos em lugares distantes, em pensamentos moventes, mas sempre alçados do chão, com os olhos além acima adentro. olhos afora eu buscava os teus, aqueles que só existiam na terra do vento. olhos de vento, olhos difíceis, olhos distantes. saudade do que não fui e do que não tive. esse vento que passa lá chega manso até aqui, mas o pressinto, sinto o cheiro e, mesmo sem ele, entro no clima de terras balançantes. balanço meu pensamento sempre até a ti que é só pensamento, que é carne e osso ausentes. que dor morrer sem saber que existes, sem saber que cheiras e vives para além de meu pensar. deveria voltar a ser criança para te amar como amava formigas, contemplação do amor, pouco cheiro, distância e impossibilidade de pegar para não matar. mataria? acho que não, mas deveria aprender, mesmo assim, a amar-te como se ama a uma música. mas não sei por que... por que eu amava formigas?

viviam vibrando as vozes daqueles vasos vazios ao vento. vovô, que não ouvia, apenas versava o olhar vago nos vidros quebrados. por trás das venezianas vinha ver se nada havia mudado. sentava então na varanda e ouvia as vozes que vinham dos vizinhos invisíveis. na cadeira de balanço vomitava lembranças vendidas aos espelhos. ainda via o véu da noiva velada virgem, o volume de suas veias vazadas, o vermelho no vestido alvo. sua vida envenenada. veneno de vida que não vinga e não acaba. funda vontade de nada. dias velozes até ali, esvaindo-se desde então. desde os vinte anos vivo-morto de ouvido vesgo. leve som de valsa (a que tocava naquele momento) que movimentava as vísceras. por acompanhante um vinho e um pensamento vil que vitupera aos ventos.

condição crepuscular  
de pensamentos  
que não sabem pra onde vão  
em seu estado de  
janelas abertas sem paredes

ana terra

tinha medo do vento

que a tornava

pó

*fottuti attimi*. um dia para esquecer e se apaga toda a vida. se a morte deixasse um pedaço, se não fosse tão indiferente, um pedaço de lembrança. talvez estes sejam pedaços que deixou. talvez esses meus olhos abertos há quarenta anos sejam a prova que se vence a morte, que ela não é a mais forte e não apaga tudo. mas quando vejo minha pele seca como terra sem água e sem vida, quando vejo que dali não cresce nada, perdi a barba e estou impassível. quando vejo o esforço dos meus movimentos, a respiração que quase vai embora, quando vejo um buraco no espelho, ah!, morte querida, nesses momentos sei que venceste. a morte que me esperas, que me espreitas, que me comes.

minhas veias vibravam  
quando viam o velho  
vestindo o passado.  
era um frêmito veemente  
provocado pelo  
vento úmido que  
soprava no lugar.  
vermes, vigas e verdades impediam-nos de  
voar.  
ele, no entanto,  
viajava horas a fio  
em felicidade funesta e,  
quando voltava,  
tinha os olhos  
vermelhos,  
vivos,  
saudosos.

olhava os seus olhos parados em horizonte presente, havia o peso de um ponto, mas a leveza de quem já não está mais ali. em seus olhos encontrava o conforto do torto, pelos seus olhos passei a viver. e quando estávamos frente a frente, ele em sua cadeira de balanço, eu deitada no tapete, éramos eu ele e o horizonte, eu ele ela o horizonte o vestido de noiva e as luvas, quanta vida naquela mortel estado estúpido a que chegamos: precisar da morte para tirar o peso dos destroços da vida de nossas costas. preso no momento de uma morte, o velho vivia a única vida verdadeira que eu já vira.

um pouco desse sangue me embestia, precisei ficar vesga para ver o meu avô. ele vivia uma morte há quarenta anos, eu morria um pouquinho a cada dia, livrando-me de meus entulhos até há pouco tão caros. cada peso a menos, uma intensidade a mais... e pensar que tudo isso começara com o sentir o peso de um corpo, corpo renegado que se faz presente e escancara a monstruosidade até então muito bem escondida em posturas prontas. corpo-peso-morto que agora corpo-sem-peso, quer ser monstro.

se não fosse o encontrar daqueles olhos vazios, talvez nunca tivesse atendido a esse apelo e lutaria toda a vida pelo andar correto de um corpo morto.

vocês ouvem  
os bandolins e os acordeons?  
eles estão tocando  
uma valsa para voar.  
a valsa da cera de velas  
queimadas em vão  
esvaiu-se.  
agora resta apenas  
essa leve valsa  
sem lamento.

*as ruas estão dormindo. as ruas estão dormindo, e  
música de um violino flutua no ar*

**alan  
lightman**  
os sonhos  
de einstein

no ponto em que desaparece  
nasce um mundo mais real  
de ponto fixo  
desdobrou-se em sol.

é que cada imagem tem uma língua  
que seja língua viva  
língua inventada  
ou língua de nada

algumas têm língua  
nenhuma

em geral a língua é sempre pouco diante do mar  
mas ela pode ter um mar próprio

ah! estamos todos  
apaixonados,  
por saladas línguas  
mares e amoras

saudade

cada árvore de amora  
que vejo  
com suas amoras  
desgraçadamente poluídas,  
lembro do gosto de amoras  
com meus amores...  
amoreira perto de prédio  
semi-abandonado.  
agora ele está lá, sozinho,  
com amoras e sem amor  
e nós distantes...  
desatados

encontros de sensações que retornam.  
as tardes cinzas nem sempre eram as mesmas.  
o que retornava era uma tonalidade,  
um cheiro.

no início da primavera  
o cheiro era beijo na bochecha.  
a primavera sempre tão colorida  
procurava sair do tédio  
do estereótipo de primavera.

voltava o prazer  
voltava o cheiro e as cores das flores,  
mas primavera colorida já era cinza.  
cinza primavera,  
o que retorna  
são os amores.

meu amor, meu querido amor, porque tenho que te ter inteira? quando inventaram um amor assim? quando “de corpo e alma”? quando totalmente, completamente? quando toda minha? te quero meia. quereria o canto da tua boca. uma pinta, uma veia. quero o espaço entre o fio do cabelo quebrado e o andar desacelerado da volta que ele faz em tuas costas. quero tua nuca, mas não teu colo. quero teu queixo, sem teu olho. te quero pela metade como uma língua da qual só apreende-se o essencial a alegria ou o passo lento. quero só teu acento, tua cadência e teu sorriso. te dedicaria assim um meio pensamento carta amarelada em letra apagada pelo tempo numa língua pela metade. fala de meias verdades (lambe teu quase corpo inteiro).

porque tenho que te ter inteira língua se podes ser jogada fora? quando posso, quando quero, te jogo e te insulto. uma meia língua feita de restos de línguas inteiras (uma meia língua para calçar no pé) para encontrar o que ainda não sabemos (definitivamente a sola do pé é difícil de se ver). corpos pela metade, para falar do que está no meio (casas abertas para falar de um átrio). escolheria (por acaso?) pedacinho daqui pedacinho de lá. do português o arrastar-se, do italiano o riso, do inglês a precisão, do espanhol a força, do francês... o brie, o brio.

comida viva. linguagem morta-viva devorada. comida em partes, um prato novo. regurgitado.

mas não, não é uma fórmula, é (apenas) um desejo mal formulado.

meu amor, te quero, mas te quero retalho e lembrança. quero o que fica depois do esquecimento. depois da fala. no silêncio.

assim de ti teria apenas estilhaços de lembranças. aqueles pontos precisos que se abrem em ternas nebulosidades e lançam-se para além delas. nebulosidade de corpos, nebulosidades de rostos, resta apenas uma mão que se movimenta lenta e delicadamente e que, nessa delicadeza, procura esconder uma crueldade. resta um sorriso, sorriso enorme que me engole temperado com um leve brilho de olhos, nesse sorriso-íma está o convite do início e o prenúncio do fim. é o sorriso que encanta, belo e acolhedor, mas me convida para a inteireza que não existe e também ele esconde atrás de si a crueldade de um não amor. assim de ti teria apenas estilhaços de lembranças, essas felpas que se soltam da madeira, quase invisíveis, mas pungentes.

e nas folhas secas de outono  
estranhas à vida  
havia aquele crepitar vibrante.  
opacas, inertes,  
pelo chão  
esperando por ser pisadas  
e sem dar importância quando isso acontecia  
despedaçando-se em mil pedacinhos marrons

e as folhas secas do outono  
aquelas que se esfarelam a um leve contato  
vivem no limite de sua integridade  
no limite de suas existências, no limite  
surdo grito daquilo que é  
quando é consciente de ser

e nas folhas secas de outono  
exatamente ali onde a vida se torna estranha a si  
há aquela leveza  
e potência de deixar-se levar embora  
com o vento

por que se  
suicidam as  
folhas  
quando se  
sentem  
amarelas?

e entre as folhas secas de outono restam ainda  
folhas, nem inteiras, nem despedaçadas, apenas  
distraindas e amarelas...

**pablo  
neruda**  
livro das  
perguntas

o vento inventando a valsa de todas as almas suspensas na primavera. testemunhas reminiscentes da queda de uma postura. do fundo do poço, uma pressão sobre o que não se vê ou se mostra pela metade. na percepção do ontem: apenas estilhaços do movimento da noite que corre sem método ou medo. luta vã contra o grito do fim de tarde, horizonte em pedaços. a lei julgando a dúvida, a distração, o desentendimento. binaridade: formigas ou canções? para além dela, descaminhos: canções que tocam no bonde, folhas mortas, composições em claridade cinza, dois átomos expulsos do ar, amores amarelos no abismo do abandono.

**III | redonda me(nte)  
amarela**



\_\_gabriel\_\_ diz:  
não podemos confundir paixão com paixonites

\_\_gabriel\_\_ diz:  
essas últimas são as melhores

\_\_gabriel\_\_ diz:  
porque não implicam a doença

\_\_gabriel\_\_ diz:  
a doença amarela

\_\_gabriel\_\_ diz:  
paixão são aquelas que nos enfraquecem  
(spinoza)

\_\_gabriel\_\_ diz:  
paixonitess são "pequenos motivos"

\_\_gabriel\_\_ diz:  
o mesmo para "pequenos prazeres"  
do barthes

em trinta dias  
(espelhados no futuro dos mosquitos que  
morrem ao amanhecer)  
em trinta dias esquecerei  
promessa aquela que é de pouco

trinta vezes  
e mais trinta  
trinta vezes  
e trinta ainda

estrelado e ainda vácuo  
cavo e estrago  
a estrada que me trouxe  
até aqui

mário de  
andrade  
eu sou  
trezentos...

trinta vezes ainda hesitaria porque três são  
poucas e trezentas eu cansaria, (trezentos,  
trezentos-e-cincoenta, as sensações renascem de si  
mesmas sem repouso) no meio disso e depois  
ainda, trinta e mais trinta e mais trinta (trezentos,  
trezentos-e-cincoenta, mas um dia afinal eu toparei  
comigo...)

estrelado e ainda vácuo  
cavo e estrago  
a estrada que me trouxe  
outras formas de mim

o amarelo, num dicionário velho que encontrei lá em casa, pequenininho, de folhas amareladas, está separado da palavra amar por apenas sete palavras, palavras estas que são todas a ele relacionadas, são elas: amaranto, amarelado, amarelão, amarelar, amarelecer, amarelidão, amarelinha. não, amaranto não é a ele relacionada, mas não tem importância. amaranto parece nome de planta de flores amarelas, mas são vermelhas se não me engano. são amantes. amaranto é nome de planta de flores apaixonadas. já em outro dicionário, de folhas brancas, bonitas, sedosas e que não pode ser carregado em mochila, pois daria dor nas costas, a distância é de 34 palavras. quanto mais amarelas as páginas, mais próximas de amar.

mini  
dicionário  
aurélio da  
língua

novo  
dicionário  
aurélio da  
língua  
portuguesa

acorda a cor  
da tua vida  
corta a corda  
que te liga  
a esse acordo  
entre acusados.  
compra a prazo  
um novo acorde  
acode o fado  
acusa a dor  
dos fatos  
colhe os dados  
aclara os fatos  
acolhe o enfado  
acusa o fado  
acolhe a dor  
aclara a dor  
colhe a cor  
acorda o acaso

ser só é ser sombra  
o ser é sombra  
só o que sobra

ser só é ser  
sem ombro  
só o choro

sempre só  
só um sopro  
onda e obra

o som do seu andar  
é sem sombra

ser sol é ser sombra

**cadão**  
**volpato**  
*o impossível*

a página que se esfarela  
a pele que se enruga  
o bolo com mais ovo  
o branco sujo.

as folhas secando  
o corpo antes de  
(morto)  
ficar branco.

a vida rasga  
me pergunto se um dia  
poeira  
eu não sinta  
e ela passe  
despercebida  
por mim

*planetas no  
espaço,  
oceanos,  
silêncio.  
uma gota  
d'água na  
janela. uma  
corda  
enrolada.  
uma  
vassoura  
amarela.*

**alan  
lightman**  
sonhos de  
einstein

sempre longe  
hoje  
a lua perto  
não é prata:  
redonda  
me(nte)  
amarela

as estrelas  
por não haver lápis de cor para elas  
ficaram amarelas

olha só ... viu?  
o que?  
leu?  
li, mas vi o que?  
yellow  
tá, e daí?  
ye + low. sabe o que é ye?  
yeah?  
ah, legal! poderia ser isso também!  
e não é?  
não, é o antigo the, do inglês.  
humm  
e low?  
low eu sei, é baixo, né?  
sim, mas também vulgar. o baixo, o vulgar.  
yellow é amarelo.  
é, mas também o baixo, o vulgar.  
estranho, é tão amarelo pra ser baixo.  
é.

o jaune

o que é jaune?

é amarelo em francês

o jaune é tão pertinho de jeune, é até difícil pra separar a pronúncia.

é.

claro, difícil assim pra maioria, não pra mim. sou muito bom na pronúncia.

ah tá.

jeune é jovem, é bem mais alto, digno, que low. parece que a cor muda né?

e não muda?

ah, não sei. nunca fui pra França pra ver o amarelo de lá.

mas se mudar, imagina no Japão!

e diz que o Japão é meio amarelo, ou é a China?

tá confundindo tudo, dizem dos asiáticos: os

de pele amarela, mas a China já teve um

imperador que se chamava o imperador

amarelo e tem mar e tem rio amarelo.

hummm

jaune, quem não vê um sol brilhar nesse

amarelo? e quem não vê que esse sol é jovem,

gaio?

muito mais claro que yellow, escuro, sóbrio.

yellow

low

slow

mas eu acho que você não entendeu direito  
o quê?  
o yellow  
ah é? por quê?  
eu vejo yell + low

...  
grito profundo  
gargalhada também ... mas sabia que low  
também pode ser grito?  
grito grito

**israel** *intenso violento e agudo até a estridência*

**pedrosa**

*da cor à*

*cor*

*inexistente*

sad  
mas a chuva veio  
e chove dor

arco-íris sem cor

oi  
oi  
adivinha o que estou fazendo?  
...sempre essa pergunta  
mas quanto custa responder?  
tanto sei que sempre fazes a mesma coisa, ou me  
engano?  
(...)  
que tristeza  
é  
que ódio!  
ódio mesmo.  
lamento            ah, hoje então você não estava  
fazendo a  
mesma coisa?  
não.  
acabei de chegar e o dia decidiu chover bem na  
hora que eu estava na rua andando de bicicleta.  
estúpido clima tropical!  
ontem estava muito quente e hoje é um dia frio e  
agradável, porém cinza, não sei por que digo  
porém, porque gosto do cinza às vezes. sim.  
gosto.  
eu nem tanto, que depois vira tudo cinza céu  
cinza asfalto  
cinza prédios cinzas.  
sim, eu gosto.  
e eu vestido com roupa antichuva.  
que não se sabe onde começam e onde acabam  
as coisas.

que nojo!  
se vêem somente os teus olhos cinzas que voam.  
me parece que tudo fede quando é cinza, estou  
até me gripando, estúpida chuva... mas o que  
você está fazendo? está me ignorando?  
não, o mesmo de sempre. o que você quer que  
eu diga? estúpida chuva!  
você poderia também fazer um discurso  
propositivo não precisa somente responder.  
eu sei, pensava em teus olhos verdes.  
verdes? não eram meus se eram verdes.  
ah, sim são azuis? deles lembrava  
vermelhos.  
mas, você é burra?  
não.  
eu diria que sim  
(...)  
porém os olhos vermelhos.  
bem pensei só depois de ter escrito.  
vermelho é muito inferno.  
é, olhos vermelhos  
inferno.  
ah pensei em lágrimas mas só depois de ter  
escrito olhos vermelhos - lágrimas.  
ah  
mas só depois de ter escrito.  
ah, sim, também.  
e por isso eu perguntava.  
mais bonito assim.  
o que será isso? coincidência de ter escrito

valerio  
torreggiani  
conversa

vermelho? ou os meus dedos sabem mais do  
que eu? mais.

talvez sim os meus com certeza porém sabe  
mais a boca.

sabe de sal sabe de lágrimas  
porém sabe mais a boca

sabe de sal

sal de lágrimas

sabe de lágrimas

(...)

esqueci o resto quando quis escrever foi  
embora vai saber por onde voa.

lembra!

não consigo, por isso que voa.

lembra que eu quero ler!

não.

tudo bem, então eu digo que ontem escutava  
uma música belíssima.

mas eu gosto mesmo assim o sabe de sal de  
lágrimas na boca.

uma composição para um quarteto de  
helicópteros.

e como seria?

alucinante! você escuta quatro minutos e fica  
bêbado.

como se tivesse bebido mil copos de água os  
copos me fizeram lembrar do que escrevi e não

consigo lembrar.

tem sol agora!

o que não causam cinco minutos comigo!

(...)

confio em você acredito em você ainda bem  
que existe o menino dos olhos vermelhos para  
ajudar a menina dos olhos amarelos.

amarelos de sol?

pode ser porém pensava em amarelos de  
cansados.

do nada que lhe resta faz um corpo, caminha conjugada a outros campos, outras terras, outros línguas. entre o sol e a música aberta, para o cinza e melodias de tango. outros planos. entre o lá e o além cria sua vida com retalhos dos outros, agora seu corpo é canto de sol e tango lento. não volta a ontem, não volta o ontem, não volta. mas ela vai em frente com uma perda uma passagem um pranto antes inexistentes, ela vai em frente mas o ontem insiste, o ontem morre (fechado) para a hipocrisia dos colecionadores de experiências, isso ela não queria. ela queria era experiências vivas que não se extinguem em seu corpo, não vão para prateleira, não ficam inertes, não têm nome. sem nome ou com a suspensão deles, nada que se possa guardar, catalogar, mas um algo que persiste, que se suspende, é uma experiência de ontem que lhe desenha um traço, uma marca onde o sol e o maracatu não são mais os mesmos (desejo), mesmo que distantes. amarelo pesado, amarelo pardo, amarelo e vermelho de sangue da menina da praça. ela foi expulsa, ela foi expulsa por si mesma, da praça, ela foi até o azul e nós aqui continuamos no vermelho, o vermelho do sangue que ainda brota por ele achar o ontem somente ontem. mas assim ela vai em frente, com uma passagem, uma perda, um pranto e um sangue à mais. fruição e cores. chorará carregando j. e joana, essas que também foram expulsas da vida.

a morte

precisava retornar a ele... novamente... àquela morte.

é que estávamos em voltas com a morte que eu já não sabia se aquela não era somente uma palavra, uma palavra qualquer. tive que retornar a ele, e lá estava, encontrei... a ironia me olhou com olhos pretos desbotados que surgem do branco, branco brilhoso, cegante e sem graça... pouco charmoso eu diria... servia somente de fundo para ela, a ironia... e aquele era um caminho? para onde?

sei que ali estava a morte... de um jeito calmo, como a vira da primeira vez e se eu a visse novamente penso que teria cabelos brancos, como aqueles fundos de olhos... e dentes amarelos (era isso, o amarelo de tudo que envelhece, o amarelo da palidez, o amarelo do esvair-se, esse amarelo perseguidor) e então, frente à frente eu via, os dentes amarelos da morte... não da morte deles, os próprios dentes dela... os dentes do sorriso de ironia.

ele bem que entendia que a coisa era assim porque era, mas não queria que fosse. ele me olhava com aquele olhão verde cheio de cílios e sorria ... sorriso meigo com aquela feminilidade que todos o acusavam de ter .... ele era o mais escroto e o mais doce ... forma escrota de sobreviver, auto-suficiências para agüentar solidões e marcas no corpo de quem mais sente... o corpo grita, pede socorro, mas ele grita mais alto e ri... ele rodopia e dorme com seus amigos bêbados, da amarela! da amarela! dessa pinga a noite inteira! e as coisas eram assim como deviam ser... não sabíamos ver diferente... ele olhava sempre com aquele olhão verde e cheio de cílios e eu com meu olhar de peixe morto, peixe morte, peixe mote, eixo mole... quando o eixo ficava mole a gente perdia o equilíbrio e o controle já tinha ido com a pinga... a tal da realidade sempre dissimulada, sempre mostrando-se às sombras (a luz, a luz daquele quadro barroco vista somente, posta às claras, entregue, descoberta pelo preto), escura, a pinga engolida já preta de tanta imundície, mundice... quanto mais mundo, mais sujeira, já viu? já viu que se eu pifo eu não cago? a produção excessiva de lixo, a produção excessiva de lixo e blá blá blá, tudo que é produto já é lixo... já e de jogar fora ou de usar só por um pouquinho (e jogar fora), por isso o medo do fato... quanto mais dissimulada mais

real? dura a medida de sua dissimulação, a realização já é o caminho para a lata de lixo... por isso ficamos no meio do caminho. de amarelo, só o elo elo elo

eco perpétuo

(elo perpétuo, aliança até a morte não!)

perpétuo socorro... ele olhava a vida com aquele olhão grandão e eu ali me fazendo de alegrinha... porque esse era o lugar presenteado, o lugar onde todos os presentes desembocavam... onde todos os presentes estavam destinados a fenecer...sempre o mesmo produto: um sorriso....mas o presente era pedido pelos outros (e recebido). não saber dizer não, não querer dizer não... o tédio era a impossibilidade.

vou dormir, querido  
seus olhos escuros  
nem sempre  
povoam  
o amarelo do fundo  
dos meus olhos

moro nas páginas amarelas porque ali posso encontrar de tudo. não como, não durmo, nem compro, mas preciso da sensação de poder fazê-lo quando quero, se eu quisesse, se eu quiser. ter, sem sair. nas páginas amarelas, moro, entre anúncios de lanchonetes e de lavanderias. não como e nem lavo, mas estou salvo do risco de ter que sair de casa. além disso, tenho alguns planos e sonhos:

morar nas páginas amarelas desatualizadas para ter vizinhos inexistentes.

viver num “giallo” italiano para viver o suspense, ser o suspeito.

ir para o mar e para rio amarelos para ver se eles tingem.

deixar todos os semáforos amarelos para desacelerar o mundo.



quando quero mostrar que algo  
é importante eu grifo  
com cor fosforescente  
assim como quando quero falar  
e ser ouvido eu grito.  
o grifo ou o grito  
grito e grifo  
agrido  
escolho (e decreto) pelo ouvinte o que é mais  
importante  
(ouvinte de olhos  
olhante de ouvidos)  
o grifo agride não só os olhos  
mas a própria cor  
querendo dizer que o que é  
importante  
é o que está embaixo dela.  
o amarelo fosforescente agride  
não se deixa acontecer  
não cria, só escolhe  
agrider, mesmo que escolha o agridoce.

urgência. é palavra bonita, né? urge, parece que arde. um amigo falou urgência e isso é diferente de emergência, é urgência, arde, tu não sentes? falou, foi, escarrou e fez, criou, mas só se for agora, depois, morno, leite que não ensopa bolachinha, com nata em cima, não dá! depois não te quero, já não te amo mais. não coleciono, mas enjoô das figurinhas. te amo ainda, porque amo demais. mas a questão é a urgência, e ela tá passando, passou, puta merda! só não passou porque eu salvei num arquivo. o amigo disse: “urgência”, palavra bonita, né? arde mesmo, por isso eu salvei um arquivo com o nome dela (vocês viram que o desenho da pastinha no computador é amarelo? eu vi.), salvei o arquivo com o nome urgência, mas não tem nada dentro, ele é em branco, mas pior do que isso: ele nunca vai amarelar com o tempo.

*mas hoje eu procurarei a coerência na claridade de um copo de cerveja, ele é amarelo e chora, com essas características só pode ser um bom companheiro, daqueles que te matam quando amas demais... aquilo que amamos com violência acaba sempre nos matando.*

**guy de  
maupassant**  
*a noite*

*mas eu só quero saber do amarelo, do choro e do copo de cerveja, do riso e do afeto que vem com ele, do sorriso e do sorridente, e das noites que parecem fora do tempo, e as noites... ah, elas também nos matam.*

quando as marcas roxas no corpo  
já nem mais vermelhas estão  
prestes a desaparecer  
são daquele amarelo que  
quase nem mais marca  
quase nem mais marcam  
quase nem mais marcas  
são amarelas  
(mancha quase clara  
desaparecendo)  
quando a dor nem mais marca  
tem  
é dor maior  
o que é amarelo  
é o que se espalha  
na pele  
corrói  
o que não desapareceu  
o amarelo  
da quase não mancha  
é o anúncio da dor  
que não se vai  
*ferimento verdade eterna*

**gilles**

**deleuze**

*lógica do*

*sentido*

porque aquilo dá o que escrever  
era até um favor que lhe faziam, presenteando-  
lhe com esses movimentos repentinos repetidos  
repelentes (horripilantes)  
como um sol  
deixando marcas escuras na pele que de pretas  
vão amarelando amarelando  
e enquanto estavam ali lembravam o negro  
ao desaparecer levavam a lembrança consigo  
(aquilo não acontecera comigo)  
como um pôr-do-sol  
era algo pra lembrar, contar  
mas no ouvido.

*tudo o que  
eu quero  
dizer não  
faz sentido,  
tudo o que  
eu quero  
dizer  
tem que ser  
no ouvido.*

**cadão**  
**volpato**  
*tudo o que  
eu quero  
dizer tem  
que ser no  
ouvido*

seu som é sem sombra  
ser sempre  
assombra  
sobra  
ser sempre sombra  
obra dobra onda

s(o(m)bra)

uma poça depois da chuva  
um pé então na água  
uma lama pinga na blusa  
uma mãe que espera em casa

o leite pesa no braço que leva pra casa  
pisa na estrada  
em terra vermelha  
de pés descalços

o cheiro de pipoca aos domingos, o mate-doce  
e as bergamotas do céu, o pão, feito pela avó,  
ainda quente com manteiga ou geléia de uva, o  
sofá velho, rasgado, a televisão com chiado, as  
cadeiras de madeira e plástico, o avô cheirando  
a cigarro, polenta de manhã cedo, pés  
rachados, palha, palheiro, cachaça, madeira  
molhada, barulho, cabrito, tesouro, tribo,  
matilha, turma, amarelo, o pé de nozes, os  
balanços, as bicicletas roubadas, a distância, o  
mar distante, o sábado quente de um dia de  
dezembro chamado depois de natal triste, natal  
pobre, a cadeira de balanço, a cadeira de  
balanço distante, o mar distante e separando, a  
solidão.

amarela do  
tempo que já era  
amarelado,  
o tempo já era...

o gosto e o

mosto

o desgosto

o sobgesto

o gosto e o

esgoto

o amarelo

mosto do

medo

o rosto

amarelo de

medo

o resto

**haroldo de**

**campos**

xadrez de

estrelas

a vida nasce do ovo, o centro da terra é fogo e é daquele amarelo vermelho. borbulhando, a terra espera explodir como um ovo que, frito, é agredido pelo pão. talvez por isso que as coisas, com o passar dos dias, ficam amareladas. será essa vontade de voltar ao centro de tudo? vontade de ser pó e gases borbulhantes. os dentes, a resina, os livros, as roupas suadas. tudo o que é branco, forçosamente branco, não resiste por muito tempo ao vazio que se procura infligir através dessa cor. através do branco nasce um desenho, uma imagem, uma marca da soma dos presentes. sim, o amarelo é adição. o amarelo é o tempo.

os fraquinhos da família, os menos saudáveis, são sim, amarelos. ao contrário dos fortões e famosos por sua generosidade que são pretos, marrons ou multicores, multicores cáqui, cor de inverno, mas multicores. mais que cores: nuances. os fraquinhos até têm nuances, mas poucas. em geral são um pouco pálidos e não resistem muito aos seus impávidos devoradores. entregam-se logo, logo, molinhos, molinhos. perfeitos para os anciãos de gengivas já castigadas pela vida e seus fantasmas. mais que amarelos, são amarelinhos, daquela estirpe baixa próxima ao bege, palavra feia, cor quase não cor, um branco sujinho. os pães requisitam ser amarelinhos, se forem de milho conseguem esse reconhecimento sem problemas, mas se forem de trigo e industrializados (os que são magrinhos e estão na moda por falta de dinheiro ou falta de bom gosto) então é difícil salvá-los do bege. mais amarelos do que eles são os dentes dos anciãos que os comem vagarosamente. dentes marca do tempo. sim, o tempo é amarelo. a adição é amarela.

se acabar o  
amarelo,  
com o quê  
vamos fazer  
o pão?

**pablo**  
**neruda**  
livro das  
perguntas

o café, personagem forte e fortificante, estimulante dos mais apreciados, ao contrário de estimulantes farmacêuticos que se tomam quando se está sozinho, é dos mais sociáveis: desculpa para várias reuniões ou, em reuniões, desculpa para dispersá-las. não é proibido por lei como outros estimulantes que reforçam encontros mas não tão lícitos. charmoso e bem aceito socialmente só não é aceito o seu resto que é parecido com o do cigarro: outro vilão: dentes amarelos. nesse caso, é o amarelo (e não o café) um vilão, a marca do feio porque é resíduo, e resíduo, é lixo, tem que ir embora. a marca do feio é a marca do tempo (isso se repete). as rugas, os vincos, a coleção de cicatrizes, os dias marcados na pele. como o amar(elo) é feio em nossas peles amargas marcas apagadas e com ela o amarelecer, a lembrança e o singular. morte às marcas de vida. alvejante para as manchas de si. cair, ser espancado, atropelado, adoecer, quase morrer, ficar sem ar, roxo, branco de morte, e tudo isso deve ser apagado por uma pele alva limpa, ou marrom bronzeada. marrom (mas nem tanto) da pele: único resíduo de amarelo que pode (deve) ser conservado.

a paz é branca. paz! será que existe uma paz encarnada ou pelo sangue e suor ela é logo corrompida? a paz só é paz se fora? para onde vai a paz das bandeiras que mancham na chuva perdendo sua pureza? o branco que se perde pinga na terra e a fecunda? e o lenço branco no bolso que serve para a antiga saudação e para pedir bandeira branca numa briga fica no bolso só a espera de ser abanado? e se for ganhando cor com o tempo, haveria um outro que poderia ser usado? para onde vai a paz depois de assoado o nariz, depois de secada a fronte? a vida corrompe a paz pois amarela os panos.

tudo tão amarelo, tudo tão amarelo daquele amarelo  
das lâmpadas de cem watts, as que têm em todas as  
casas e que não chegam a iluminá-las.  
tudo tão comumente amarelo até que olhos levantam-  
se levemente do livro e sentem o silêncio.  
sentem o silêncio dessas sombras.

vive-se em dias silenciosos.

um eu um ela um ela e um ele.  
um nós.

tem-se estado silenciosamente abraçados.

contíguos.

cada um com seu  
olhar perdido  
nesses dias silenciosos  
de cheiros que  
ainda não se sabem.

os cheiros, sabe-se-os amanhã.

dias silenciosos que agradam o tempo.  
faz-se de uma casa  
uma toca  
onde coisas ares bocas  
entram e saem ...  
trocas.

olhos percebem tudo isso nesse leve afastamento da página do livro.

sentem o tempo, sentem o átimo em que se vive, sentem uma atmosfera. atmosfera amarela e silenciosa que se nutre de pão e café.

atmosfera amarela, dentes amarelados, amarelo de olhos cansados.

tem-se pouca vontade, as distâncias parecem aumentadas.

o mais agradável: divisão de camas, dispersão de peles.

está-se tão longe!

e ao mesmo tempo quase se confundem os ares.

rarefação de ares: armas águas ácaros.

está-se suspenso!

flutua-se no ar pesado

esperando um troféu ou um machado

que jogue tudo

para o alto

ou para baixo,

falsamente

para o alto

ou para baixo:

o amarelo das cebolas queimadas

do cigarro acabado

o amarelo do prédio ao lado

o amarelo de um fim de tarde com sol depois da tempestade.

pedras rolaram do alto da montanha e vão virando avalanches que nem sabemos se podemos segurar, mas não saber e não poder segurá-las é a própria beleza que move esses desesperados que somos inventando braços, pernas, corpos fictícios que por momentos acreditam poder vencer a gravidade. os cheiros (e as coerências) sabe-se-os amanhã. e o último pensamento, o que afirma tudo é uma espécie de impossibilidade de fazer outra coisa em determinado momento, nada que não seja a busca de um silêncio, de uma delicadeza que não agrida as coisas, “discrição, atenção e cautela”, assim talvez as próprias coisas falem, elas falam mais do que podemos dizer. “a nossa verdade possível tem de ser invenção” e assim, um corpo se inventa, se estranha, se desmancha, morre e talvez seja borboleta, talvez seja vento, linguagem, presença.



## referências

Andrade, Carlos Drummond de. *No meio do caminho*. In: \_\_\_\_\_ *Seleção de textos, notas, estudos biográficos, histórico e crítico por Rita de Cássia Barbosa*. São Paulo: Nova Cultura, 1988. p. 45, 46.

Andrade, Mario de. *Eu sou trezentos...* In: \_\_\_\_\_ *Andrade, Mario de. Poesias Completas*. São Paulo: São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1972. p. 157.

Artaud, Antonin. *Van Gogh, o suicidado da sociedade*. In: \_\_\_\_\_ *Linguagem e vida*. (Org. J. Guinsburg, Sílvia Fernandes Telesi e Antônio Mercado Netto) São Paulo: Perspectiva, 2006. p.261.

Balbani, Aracy Pereira Silveira; Stelzer, Lucilena Bardella; Montovani, Jair Cortez. *Excipientes de medicamentos e as informações da bula*. In: \_\_\_\_\_ *Revista Brasileira de Otorrinolaringologia*, vol.72 no.3 São Paulo May/June 2006. Disponível em: <[www.scielo.br](http://www.scielo.br)>. Acesso em: 23 nov. 2008.

Barros, Manoel. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 71.

Barthes, Roland. *A preparação do romance I: da vida à obra*. (Trad. Leyla Perrone-Moisés) São Paulo: Martins Fontes, 2005. p.70, 169, 170.

Barthes, Roland. *A preparação do romance II: a obra como vontade*. (Trad. Leyla Perrone-Moisés) São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Barthes, Roland. *O neutro: anotações de aulas e seminários ministrados no Collège de France, 1977 -1978*. (Trad. Ivone Castilho Benedetti) São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 102, 108, 109.

Barthes, Roland. *O prazer do texto*. (Trad. J. Guinsburg) São Paulo: Perspectiva, 2006.

Barthes, Roland. *O rumor da língua*. (Trad. Mário Laranjeira) São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 419, 422.

Barthes, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. (Trad. Leyla Perrone-Moisés) Estação Liberdade, 2003. p. 84.

Barthes, Roland. *Sade, Fourier e Loyola*. (Trad. Mário Laranjeira) São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. XVII.

Blanchot, Maurice. *Pena de morte*. (Trad. Ana Maria de Alencar) Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 18, 19, 61.

Brasil, ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária. D.O.U. - *Diário Oficial da União.; Poder Executivo*, de 18 de dezembro de 2002. Reso-lução RDC nº 340, de 13 de dezembro de 2002. Disponível em: < h t t p : / / e - legis.anvisa.gov.br/leisref/public/showAct.php?id=1676#word=#%27 > Acesso em: 23 nov. 2008.

Campos, Haroldo de. *Xadrez de Estrelas*. São Paulo: Perspectiva, 2008. p. 154, 155.

Deleuze, Gilles. *Lógica do sentido*. (Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes) São Paulo: Perspectiva, 2006. p. 45. 75.

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. 2ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988. p. 25.

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 3ed. Curitiba: Positiva, 2004. p. 112, 113, 1365.

Ferreira, Jairo. Carlos Reichenbach sinergia da cineutopia. In: \_\_\_\_\_ *Cinema de invenção*. São Paulo: Limiar, 2000. p. 78

Hilst, Hilda. Alcóolicas. In: \_\_\_\_\_ *Do desejo*. Rio de Janeiro: Globo, 2004. p. 99.

Houaiss, Antônio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro. Objetiva Ltda, 2001.

Jakobson, Roman. *A geração que esbanjou os seus poetas*. Trad. Sonia Regina Martins Gonçalves. São Paulo: Cosac Naify. 2006. p. 16.

Lightman, Alan. *Sonhos de Einstein*. (Trad. Marcelo Levy) São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p.76, 159.

Lins, Daniel. Artaud: escrita-corpo-desfazimento. In: \_\_\_\_\_ *Antonin Artaud: o artesão do corpo sem órgãos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999. p. 161, 162.

Maupassant, Guy de. *A noite*. (Trad. José Bento Ferreira) São Paulo: Cosac Naify, 2004. p. 3.

Neruda, Pablo. *Livro das perguntas*. (Trad. Ferreira Gullar) São Paulo: Cosac Naify, 2008. p. 11, V.

Nietzsche, Friedrich. *Ditirambos de Dionísio*. In: \_\_\_\_\_ *O Anticristo: Maldição ao cristianismo: Ditirambos de Dionísio*. (Trad. Paulo César de Souza) São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 99.

Pedrosa, Israel. *Da cor à cor inexistente*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial Ltda., 1982. p. 111.

Robert, Paul. *Le nouveau Petit Robert de langue française*. Paris: Le Robert, 2007. p. 1640.

Sarduy, Severo. *Otros poemas*. In: \_\_\_\_\_ Sarduy, Severo. *Obra completa*. Tomo I. Madrid: ALLCA XX, 1999: 129-197. p.211.

Vallandro, Leonel. *Dicionário inglês-português*. 3ed. Ver. Porto Alegre: Globo, 1976. p.585, 1116.

## **CDs**

*Douze foi par an*. Jeanne Cherhal. *Tôt ou tard*, 2004. Faixa: La station

*L'eau*. Jeanne Cherhal. *Tôt ou tard*, 2006. Faixa: Le tissu

*Mutantes. Os Mutantes. Polydor, 1968. Faixa: O relógio.*

*Qualquer. Arnaldo Antunes. Biscoito Fino, 2006. Faixas: Qualquer, Hotel Fraternité*

*Tudo o que eu quero dizer tem que ser no ouvido. Cadão Volpato. Outros discos, 2005. Faixas: Até amanhã, O impossível, Tudo o que eu quero dizer tem que ser no ouvido*

• • •

